

A NOVA MODALIDADE DE MESÓCLISE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

TOMANIN, Cássia Regina²

Resumo: Este pequeno texto pretende apresentar o processo de gramaticalização do verbo *ir*, de pleno a auxiliar do futuro e, fundamentar sobre esse processo a idéia de que a mesóclise é, conforme se demonstra historicamente, a colocação de um pronome entre dois verbos, um auxiliar e um nuclear e não, como se concebe, a colocação de um pronome no meio de um verbo, num processo de cisão conhecido como *tmese*. Assim, conclui-se, a partir da história e da teoria da gramaticalização, que a mesóclise se gramaticalizou e aparece em várias construções verbais, entre elas a do futuro do presente e futuro do pretérito do português brasileiro, tanto na fala quanto na escrita.

Palavras-Chave: auxiliar, futuro, gramaticalização e mesóclise

Abstract: This text has as a goal to present the grammaticalization process of the verb *to go*, from the infinitive to the auxiliary verb of the future form and state about this process the idea of that “mesóclise” is, as historically known, the placement of a pronoun between two verbs, one auxiliary and the other a nuclear verb and not, as it is conceived, a placement of a pronoun in the middle of a verb, in a process of cleavage known as a “*tmese*”. This way, we can conclude that from the history and from the grammatical theory, the “mesóclise” has characteristics from the grammaticalization process and appears in many verbal conjugations of the future and the present forms of the speech and the written Brazilian Portuguese.

Key words: auxiliary, future, grammatical and “mesóclise”

A mesóclise, até então concebida como a colocação de um pronome no meio de um verbo, é vista por Câmara Jr. como um traço em extinção no PB: “No Brasil, só se encontra a mesóclise na língua escrita literária, estando banida da língua usual, onde com as formas de futuro só se pratica a próclise” (CÂMARA JR, 1985, p. 165). Realmente muitos estudos já anunciaram a queda da mesóclise, mas aqui estaremos defendendo uma nova concepção de mesóclise, que não foi banida da fala brasileira, ela foi sim, re-analisada e se configura de outra forma, ou seja, por meio de um processo de gramaticalização, a mesóclise resiste no PB falado, só não aparece no lugar canônico, ao invés de estar à direita do verbo nuclear aparece agora antes deste. Tal alteração se dá, basicamente, por conta dos seguintes fatos lingüísticos: 1- O auxiliar para formação do futuro é o verbo *ir* e 2- O auxiliar para formação do futuro posiciona-se à esquerda do verbo nuclear;

A fim de provarmos a hipótese principal, ou seja, a mesóclise existe e é largamente usada no PB, temos dois caminhos possíveis:

a- ou conservamos a idéia de que o *re* é um Morfema Modo Temporal e tentamos provar que o *ir*, anteposto ao verbo nuclear também o é, e, nesse caso manteríamos a idéia de mesóclise como a colocação de um clítico entre um verbo nuclear e um morfema;

b- ou desconstruímos a idéia que *re* é um morfema e mostramos, pela variação do futuro em sua diacronia, que *re* é um verbo auxiliar, assim como o *ir*. Dessa forma a mesóclise seria re-definida como sendo a colocação de um clítico entre dois verbos, um auxiliar e um nuclear, independentemente da ordem em que se colocam esses verbos.

Optando pela primeira premissa, encontraríamos algum respaldo em Câmara Jr. (1992), quando ele apresenta a classificação do vocábulo formal em três espécies: formas livres, presas e dependentes. As primeiras “constituem uma seqüência que podem funcionar isoladamente como comunicação suficiente” (1992, p. 69); as formas presas, por sua vez “só funcionam ligadas a outras” e as formas dependentes que não funcionam isoladamente, portanto não são livres, mas também não são presas porque podem ser intercaladas por outras formas livres e também porque não têm um lugar fixo (direita ou esquerda) de uma forma presa. Nesse ponto Câmara Jr. deixa uma entrada para que se possa

¹ Este texto é parte da tese de doutoramento com o mesmo título, ainda não concluída.

² Professora de Língua Portuguesa na UNEMAT, doutoranda no PPGLLP da UNESP/FCLAr, bolsista do CNPq

considerar a hipótese de que o auxiliar *ir* seja um morfema, já que da forma como está aparecendo no PB atual é uma forma que não é dependente, porque tem lugar fixo, mas também não é totalmente fixa, porque pode ser intercalada pelo pronome, é uma categoria que ficaria entre essas duas espécies, mas de qualquer forma só funciona quando junto a um verbo nuclear.

Corôa (2005) também fornece uma pista para se aceitar que *ir* possa funcionar como morfema. O tempo gramatical, diz a autora “é aquele caracterizado em português por um radical acrescido dos morfemas típicos” (CORÔA, 2005, p. 24). Se é assim, o *ir* funcionaria como tal morfema típico, já que o futuro se forma com o radical, que é o próprio verbo nuclear no infinitivo, e o que acresce as idéias de modo, tempo, pessoa e número é o morfema típico, nesse caso, a função desempenhada pelo *ir*.

No entanto, apesar de considerarmos válidos os argumentos citados acima, preferimos perseguir a segunda premissa, isto é, a de que *re* se gramaticalizou como morfema, mas em sua origem é um verbo. Tal idéia nos parece mais definitiva. Primeiro porque temos uma pista ainda recente que evidencia o status de verbo que tem o “morfema” de futuro do presente: os registros de Guedes e Berlinck (2000) sobre jornais brasileiros do século XIX trazem exemplos como:

(19JB-BA) FESTA DE Nossa Senhora D’AJUDA || **Celebrar-se-há** no corrente anno (20JB) No domingo 14 **effectuar-se há** o bando de mascaras (...) (O Guarany, 11.11.1886- 33-34)

(101JB-RJ) A estreiteza do tempo não tendo permitido publicar hoje as importantes noticias que ultimamente vierão do Algarve, **communicar-se-hão** ao publico no seguinte Número desta Gazeta (Gazeta do Rio de Janeiro, 21.09.1808-194)

Embora não seja fato novo que o referido morfema é o verbo haver em sua antiga forma, o senso comum e os manuais de gramática não se recordam desse fato, mas nos exemplos mostrados acima, a ortografia não deixa dúvidas quanto a origem e a verdadeira face já um tanto esquecidas do verbo haver.

Teríamos ainda um outro argumento que nos parece bastante forte: se a mesóclise fosse realmente a colocação de um clítico no meio de um verbo, ou entre um verbo e um de seus morfemas, isto é, em uma de suas juntas internas, como define Câmara Jr. (2002, p.151), qualquer verbo conjugado em qualquer tempo/modo poderia apresentar uma forma de mesóclise, assim teríamos construções como: *se eu fala-te-se* (presente do subjuntivo); quando eu *banha-me-va* (pretérito imperfeito). Mas isso é agramatical, em português e qualquer outra língua românica.

O que fundamenta de fato nossa hipótese é a própria história do futuro, desde suas origens, ou seja, uma revisão diacrônica é a base que sustenta a proposição aqui apresentada, ou seja, a de que a construção “IR+PRONOME+VERBO NUCLEAR” é uma mesóclise, e sua base de sustentação teórica é o processo de gramaticalização do futuro, o verbo *ir*, anteposto ao verbo nuclear perde sua significação original e passa a exercer a função de verbo funcional, indicando pessoa, número, tempo e modo, função esta que era conferida ao verbo *habēre* (haver) para formar o *infectum* e o *perfectum* ou futuro do pretérito (condicional) e futuro do presente, respectivamente. Tínhamos então, o verbo haver, nas formas *habeban* e *habeo*, gramaticalizado, e nessa condição, juntou-se ao verbo nuclear e desse ponto em diante deixou de ser percebido como verbo e passou a ser considerado um morfema localizado à direita do verbo, com indicações de natureza morfológica.

Por essa razão um clítico nas formas como *falar-te-ei*, *encontrar-te-ia*, em algum momento da história passaram a ser consideradas, do ponto de vista da colocação pronominal, como mesóclise, já que o pronome estaria sendo colocado no meio de uma palavra, no caso de um verbo, num processo reconhecido como *tmese*.

Assim, embora reconheçamos que a denominação *tmese* refere-se a uma cisão no meio de uma palavra, assumimos que a mesóclise é, na verdade, não a colocação de um pronome no meio de **um** verbo, mas sim, a colocação de um pronome entre **dois** verbos, um nuclear, outro auxiliar, que indica tempo, pessoa e número. Se assim o é, em formas como *vou-te-falar* ou *ia-te-encontrar* ocorre exatamente o mesmo, com a diferença que o verbo *haver* é substituído pelo verbo *ir* e com a mudança deste para a esquerda do verbo nuclear. Com isso queremos dizer simplesmente que o verbo *ir* está se gramaticalizando no PB cumprindo a antiga função do verbo *haver*.

Conforme se pode verificar no quadro abaixo, apresentado por Silva (2002, p. 65) a forma em que se apresenta o tempo futuro no modo indicativo, alterna-se entre forma analítica e perifrástica desde muito tempo, e pode ocorrer também em outras línguas românicas, como no espanhol, de acordo com o quadro.

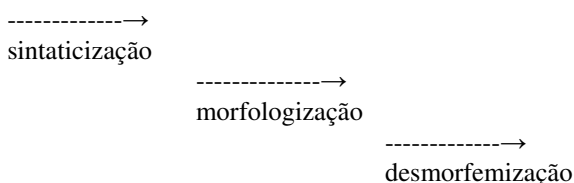
Estrutura	Forma	Estágio da língua
Fase diacr. 1	anal. ama-bhu	Indo-Europeu

	sint. amabo	Latim Clássico
Fase sincr. 1	amabo/cantare habeo	Latim tardio
Fase diacr. 2	anal. cantare habeo sint. Cantaré	Latim falado tardio Românico
Fase sincr. 2	Cantaré/voy a dormir	Românico moderno
Fase diacr. 3	anal. voy a dormir sint. Yo vadormir	Românico contemp. (espanhol) Dial. espanhol americ. Contemp.

A constante alteração pela qual passam as várias formas de se construir o futuro do presente, a alteração diacrônica entre formas sintéticas e perifrásticas, pode estar relacionada às necessidades do falante, que constantemente revê suas formas, suas construções, seus cânones, enfim, sua gramática e esta vai sendo constantemente adaptada, re-vista, re-arranjada, re-analisada, de acordo com as exigências do discurso, no momento em que está sendo produzido. É nesse mesmo momento, numa situação real de comunicação, que o falante faz toda a análise e o arranjo necessário, que corresponde a um exercício eficaz para que sua língua funcione, no sentido mais amplo e profundo que esse termo possa ter.

É bastante nítido o processo de gramaticalização do verbo *ir*, sua transformação de verbo pleno a auxiliar, considerando sua clara trajetória do mais concreto, com significação semântica de deslocação no espaço -do lugar de onde o falante está para outro- para o mais abstrato, auxiliar de futuro com pouca informação semântica e variada função gramatical, apesar de conservar a propriedade de indicar deslocação no tempo, do momento em que o falante se encontra no momento da enunciação para um momento posterior. É esse caminho que sustenta a hipótese da gramaticalização, isto é, a unidirecionalidade, que conduz um item do menos gramatical para o mais gramatical. Tal item vai perdendo gradativamente sua significação e adquirindo propriedade de função. Ilustrando o dito, dizemos que verbo *ir*, na função de auxiliar de futuro está perdendo o significado apresentado pelos dicionários, que indica movimento “daqui para lá” e passando a indicar pessoa, número, modo e tempo, é pois, um elemento, uma partícula gramatical, com comportamento muito próximo ao de um morfema, elemento sem significação semântica. Como conceitua Câmara Jr., o morfema, como forma lingüística, tem um significante e um significado, o primeiro refere-se ao material fônico e o significado é a noção gramatical que o morfema traz para o semantema. (CÂMARA JR. 2002, p. 170). O mesmo autor considera também que o auxiliar seja um morfema, diz ele que auxiliar é “qualquer vocábulo de significação gramatical, que forma locução com um vocábulo de significação externa para situá-lo numa dada categoria gramatical [...] portanto, qualquer vocábulo que é morfema categórico ou relacional” (CÂMARA JR., 2002, p. 64).

Por se entender que o tema aqui tratado signifique para a história da língua um estágio e concebendo a gramaticalização como “o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática” (CASTILHO, 1997, p. 31) assumimos o que diz Lehmann (1982, p 73) sobre o fato de que cada estágio compreende várias fases, tais fases são apresentadas por Castilho da seguinte forma:



Cada uma dessas fases é, por sua vez, desdobrada em diferentes faces, já que ocorrem de várias maneiras, isto é, o fenômeno de gramaticalização atua de diferentes formas.

Estamos considerando que o tema aqui tratado esteja na primeira fase, ou seja, da sintaticização, a qual possui duas faces:

- a- a recategorização sintática e
- b- a categorização funcional
- c-

A primeira é verificada em vários grupos:

- 1- grupo verbal
- 2- grupo nominal
- 3- grupo pronominal
- 4- grupo adverbial
- 5- grupo dos nexos

Segundo Castilho (1997, p.33) “do ponto de vista da gramaticalização, o fenômeno mais interessante é o da transformação de um verbo pleno num verbo funcional, e deste, num verbo auxiliar”, o que se encaixa perfeitamente no que estamos tratando aqui, considerando que sendo os **auxiliares** (funcionais) aqueles verbos que acompanham os nucleares em sua forma nominal e que carregam a idéia de pessoa, número, tempo e modo. Isto significa que em expressões como “vou viajar” ou “íamos comprar” o verbo *ir* é o auxiliar do nuclear que o sucede, sua função auxiliar é clara, ou seja, marca pessoa, número, tempo e modo enquanto o núcleo do predicado se mantém em sua forma infinitiva (nominal).

As formas analíticas, exemplificadas acima, são as que estão predominando no português falado no Brasil (conforme se observa em várias pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas aqui realizadas) e estão concorrendo com formas como “viajarei” e “comprariamos”. Tais formas, no entanto, provêm de uma outra forma analítica, ou seja, *falarei* sucede uma forma na qual há um verbo nuclear seguido do *haver* como auxiliar, que criou construções como *falar hei*.

Com o tempo o verbo *habere* foi se gramaticalizando, passando à fase da morfologização e se aglutinou ao verbo nuclear e assim passou a ser percebido como morfema e não mais como verbo.

O fato de um clítico colocar-se entre o verbo *habere* após este ter se juntado ao nuclear à sua esquerda, fez com que o pronome colocado à direita do nuclear, portanto em posição enclítica, fosse entendido como um processo de tmese, ou seja, a colocação de uma partícula (no caso um pronome) no meio de uma palavra, ou na definição de Câmara Jr., a

separação de um vocábulo em duas partes numa das suas juntas internas com a intercalação, entre duas partes, de uma forma vocabular, como sucede em português com a chamada mesóclise do pronome adverbial átono, onde a tmese se processa de acordo com a estrutura primitiva, de conjugação perifrástica, das formas verbais de futuro (falar + ei etc; donde falar-lhe-ei etc. (CÂMARA JR, 2002, p. 232)

Há, no entanto, algo em relação ao processo de tmese que deve ser observado mais de perto. Suponhamos a segmentação de um verbo regular da primeira conjugação:

Radical	VT	MMT	MNP
	a	re	i
	a	ra	s
	a	ra	Ø
	a	re	mos
	a	re	is
	a	rã	o

De acordo com esse modelo de segmentação nas quatro partes que compõem o verbo, o lugar em que melhor caberia um corte seria entre a vogal temática (VT) e os morfemas (MMT e o MNP), o que originaria a mesóclise como, por exemplo, fala-te-rei. Mas não é o que ocorre. Se considerarmos a definição que temos de mesóclise, teríamos de pensar em um morfema descontínuo, que não é comum no português, mas isso não é suficiente, poderíamos ter um primeiro caso de morfema descontínuo. A conclusão mais provável, historicamente verificada é que o que estaria ocorrendo é que a mesóclise é a colocação de um clítico entre um verbo nuclear, em toda sua extensão vocabular, ou seja, a palavra inteira e o verbo auxiliar *habere*, com o tempo tendo passado a pronúncia *ai/ei* e sendo assim percebido como morfema. Acreditamos que esse seja mais um forte argumento que nos permite afirmar que a mesóclise é a colocação de um clítico entre dois verbos: um nuclear e um auxiliar.

Se recorrermos à definição de tmese feita por Câmara Jr. (2002) citada acima, percebemos que ele reconhece uma certa interferência histórica na segmentação do verbo no momento do corte onde realizar-se-á a mesóclise, já que cita a estrutura primitiva do verbo, a qual possibilita o corte. O autor encontra na história, a solução para a questão da cisão, que não é comum em outras conjugações verbais.

A junção é definida pelo mesmo autor como “nome geral para o contacto entre duas formas mínimas” que novamente nos colocaria frente ao problema do morfema descontínuo, mas a explicação continua “nome geral para o contacto entre duas formas mínimas - dentro do vocábulo (junção interna) ou entre dois vocábulos num grupo de força (junção externa)” (CÂMARA JR. 2002, p. 151).

Sendo assim, não podendo incluir a mesóclise como um corte na junção interna, já que para isso, como dito, ela deveria localizar-se em outro lugar: fala-te-rei – já que conjugado o verbo perde seu *r*,

morfema de infinitivo – classificamos a mesóclise como contato entre dois vocábulos. Aqui vemos reforçada a idéia de considerarmos a mesóclise como a colocação de um clítico entre dois verbos.

Como já dito, no PB atual, as formas sintáticas dos futuros do Indicativo praticamente não existem na fala coloquial, diz Castilho (1997, p. 33) que “esta passa a sofrer concorrência de uma nova perífrase, desta vez constituída pelos verbos IR e QUERER, retomando-se o processo anterior”. Há, no entanto, a diferença que desta vez o verbo funcional está à esquerda do verbo nuclear e não mais à direita, o que torna mais difícil sua morfologização, já que em português, os morfemas (ainda?) colocam-se à direita dos termos nucleares. Por essa razão, para sustentar a idéia de que formas como “vai me furar” ou “ia te contar” constituem, do ponto de vista da colocação pronominal, uma mesóclise, temos de nos apoiar numa explicação diacrônica, no sentido de lembrar que o verbo IR possui hoje, no PB coloquial, as mesmas propriedades e funções que o *haver* já teve, ou seja, carregar as informações de pessoa, número, tempo e modo do verbo nuclear. Assim, para provar a hipótese aqui apresentada é necessário desconstruir a idéia de mesóclise como *tmese* e concebê-la como a colocação de um pronome entre um verbo nuclear e um funcional ou auxiliar, indiferentemente do fato de este estar à direita ou à esquerda daquele. Assumimos então que:

- a colocação do verbo funcional (ou auxiliar) é livre, podendo aparecer à direita ou a esquerda do nuclear;
- a mesóclise se define como a colocação de um pronome entre um verbo nuclear e um funcional (ou auxiliar).

Neste ponto o que serve de sustentação à proposta aqui apresentada é a posição variável, conforme demonstram estudos diacrônicos, em que o clítico pode ocorrer, como se pode verificar em Huber, o qual, ao observar o fenômeno afirma que “os pronomes-complemento átonos podem estar antes *ou* depois do verbo do qual dependem. No futuro e condicional encontram-se *geralmente* entre o infinitivo e a terminação”³ (HUBER, 1933, p. 177). Huber não consegue encontrar claras evidências sobre fatos que poderiam ser responsabilizados pela colocação pronominal, já que segundo ele, “umas vezes se encontra depois do sujeito, outras depois do predicado. Talvez se encoste à palavra de acento mais forte” (HUBER, 1933, p. 178).

Said Ali (2001), entre outros, acredita que os critérios que determinam a colocação dos clíticos sejam de natureza fonética. O estudioso explica que

“as formas pronominais átonas *me, te, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os*, as colocam-se em português normalmente após o verbo a que servem de complemento e a ele se encostam [...] certas causas de ordem fonética podem entretanto determinar o deslocamento das referidas formas pronominais para antes do verbo” (SAID ALI, 2001, p. 204).

Independentemente dos motivos que colocam os pronomes à direita ou a esquerda do verbo principal, o que importa aqui é que a re-análise da colocação pronominal denominada aqui como mesoclítica, nada mais é do que resultado da acomodação do auxiliar *ir* à esquerda do verbo nuclear, ou seja, essa colocação pronominal não é um fenômeno independente, ela é reflexo do enrijecimento da próclise na modalidade brasileira do português, ou seja, do lugar do pronome antes do verbo principal. O posicionamento do auxiliar antes do verbo principal força a posição mesoclítica do pronome.

Referências

BENVENISTE, É. Problemas de lingüística geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

CALLOU, D. et alli. Estruturas de futuridade em cartas pessoais do século XIX. In. LOPES, C. A norma brasileira em construção. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2005, (p.83-93).

CASTILHO, A. A gramaticalização. In. Estudos Lingüísticos e Literários. N. 19. Salvador: EDUFBA, 1977, p. 25-64.

CÂMARA JR., J.M. Princípios de lingüística geral. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

³ Os grifos são nossos, utilizados no sentido de enfatizar a possibilidade de deslocamento dos pronomes átonos.

_____. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. Estrutura da língua portuguesa. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. Dicionário de lingüística e gramática. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CORÔA, M.L.M.S. O tempo nos verbos do português. São Paulo: Parábola, 2005.

GUEDES, M. & BERLINCK, R.de A. (orgs). E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros – século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLGC/USP, 2000.

HUBER, J. Gramática do português antigo. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1933.

MATTOS E SILVA. R.V. O português arcaico: morfologia e sintaxe. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SAID ALI, M. Gramática histórica da língua portuguesa. 8. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, A. da. A expressão da futuridade no português falado. Araraquara: UNESP/FCL/Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.